

## **FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO INTERSDISCIPLINAR: A PRODUÇÃO SOLIDÁRIA DO CONHECIMENTO**

***Wilson Madeira Filho***

Professor Titular da Faculdade de Direito e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e  
Direito da Universidade Federal Fluminense (PPGSD-UFF)  
wilsonmadeirafilho@hotmail.com

***José Antonio Callegari***

Mestrando do PPGSD-UFF  
calegantonio@yahoo.com.br

### **Resumo**

Colocada a questão da pesquisa científica como patrimônio comum, tem-se que a coletivização e o engajamento que se espera dos pesquisadores estão em sintonia com um tipo específico de trabalho científico: o trabalho solidário. Os pesquisadores “despidos” de racionalidades de êxito individual estariam aparentemente mais aptos para produzir reflexões úteis para a coletividade. Numa palavra, a pesquisa solidária resultaria deste fluxo de observações e questionamentos que enriquecem o método científico interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade; Metodologia científica; produção acadêmica

### **Abstract**

Put the question of the scientific research as common patrimony, have that to the work in assembly and the commitment that itself wait of the researchers are in tuning with a specific kind of scientific work: the supportive work. The researchers "stripped" of rationalities of individual success would be apparently more apt for produce helpful reflections for the community. In a word, to supportive research would result of this stream of observations and questionings that enrich the interdisciplinary scientific approach.

**Keywords:** Interdisciplinary nature; Scientific Methodology; Academic output

*Os místicos pretendem que o êxtase lhes revele uma câmara circular com um grande livro circular de lombada contínua, que segue toda a volta das paredes; mas seu testemunho é suspeito; suas palavras, obscuras. Esse livro cíclico é Deus.*

(Jorge Luis Borges, “A biblioteca de Babel”)

Ao autor de um livro poderia bastar sua obra única, se considerada obra prima, produto exemplar do gênio humano. O autor de um importante tratado se tornava, “para sempre”, o Grande autor, cuja Pedra Fundamental atravessaria a História enquanto monumento de sua grandeza, peça essencial a compor o puzzle gigantesco do conhecimento.

A era contemporânea, que esfacela o objeto livro em textos midiáticos, em imediatas recomposições e reconfigurações, em um *digital book* onde cabem todas as páginas de todos os livros, apazigua essa busca tormentosa por sentido, devolvendo-nos à dispersão dos símbolos.

A figura do erudito metódico, trancado em seu escritório, purgando em seu drama solitário a revolução silenciosa do conhecimento, passou, na atualidade, a exigir permanente publicidade e partilha social. À obra imortal substitui a exigência do plano de carreira de produção no último triênio e à vitrine permanente do currículo Lattes.

Não mais existem grandes autores, senão enquanto uma reação neo-barroca. Mas proliferam grandes obras, fruto de trabalhos coletivos. E essa é uma realidade a penetrar também nas ciências sociais e humanas, onde o mito do autor grassou historicamente.

O presente trabalho irá abordar essa questão entremeando duas perspectivas: a arte de composição e o debate epistêmico.

## **O escritor em férias e arte dos laboratórios**

“Gide lia Bossuet descendo o Congo”. Essa imagem é o ponto de partida para a crítica mordaz de Roland Barthes (1982), ao descrever, dentre as mitologias do século XX, a figura do escritor “em férias”. Férias que despertam uma contradição: o estatuto burguês para os intelectuais, os encerra em uma aura sublime, onde a índole vocacional do escritor desperta em *insights* que não possuem hora nem lugar. Portanto, a rigor, não existiriam férias possíveis para o escritor – “...o deus permanece; é-se escritor como Luís XIV era rei, mesmo sentado na privada” (p. 24).

Todavia, tratava-se, na crônica de Barthes, de lidar com um duplo fenômeno: de um lado, a aproximação do escritor com o trabalhador, proletarizando-o e atribuindo-lhe as férias pagas; de outro lado, a desmistificação (para Barthes, no fundo, uma mistificação astuta) do gênio, que súbito poderia ser flagrado em pijamas, namorando ou comendo filé malpassado, transmutado em figura prosaica. Essas “férias” e esse prosaísmo, entretanto, apenas reforçariam o atributo burguês do escritor, em uma dupla articulação semântica, ao configurar um significado como novo significante junto ao qual se aduz nova significação. Vale dizer, o escritor passa a ser recepcionado como sublime justamente por conseguir, lidando com as mesmas ferramentas do cotidiano, desvendar a consciência universal e produzir um novo tomo da Fenomenologia do Ego.

Esse mito do Autor, em certa medida, correspondia, em sua arte composicional, a modelos estéticos clássicos, onde temas como o domínio da sombra, no desenho, o domínio dos tons e semitons, na música, os domínios de modelos narrativos, na escrita, e o domínio de passos básicos, na dança, conjugariam o instrumental técnico onde o espírito vocacionado se exercitaria, produzindo versões estilizadas e criando variações e novos modelos.

Desse modo, o artista quando jovem, por exemplo, exercitaria o desenho de uma esfera, em seguida de uma fruta, depois de um bule, logo após um pato, em seguida um cavalo, passando para cenas da natureza, com bosques, celeiros, água corrente, por do sol, chegando ao corpo humano, a partir do modelo vivo. Os desenhos de Albrecht Dürer (1471-1528) representam, nesse sentido, um ícone paradoxal: um coelho ou folha hiperreais trazem a ilusão da imagem gráfica séculos antes da invenção da fotografia, em técnica que irá pautar a iconografia dos futuros naturalistas; e seu clássico Rinoceronte, animal que o artista nunca viu, surge, com couraça e escamas, segundo as narrativas fantásticas dos viajantes, presenteando-nos com uma realidade superior: aquela advinda da percepção do que é narrado.



*A esfera.* Desenho de Wilson Madeira Filho

O aparato técnico da arte composicional, em seu contexto acadêmico, que se constituiu em metamodelização crítica, passa a enfrentar, diante de mecanismos de avaliação de cursos de pós-graduação, série de exigências formais que alteram o perfil clássico. Destacamos dois aspectos: 1) a exigência de produção sistemática ou, melhor dizendo, de avaliação conforme a produção no período, desmistifica o Autor, posto que o periodiza, forçando-o a uma continuada performance e apenas enquanto durar a produção – vale dizer, de dândi da produção capitalista, o intelectual equipara-se, enfim, ao proletário; 2) a noção advinda do direito administrativo de transparência e visibilidade do serviço público implica, além de uma exposição permanente em site público de seu currículo e mesmo de seu salário, em novas técnicas que exteriorizam aventados ideais de conjugação de saberes, com promoção holística

do conhecimento docente e discente – em outras palavras, afere os resultados empíricos dessa interação pela via da autoria conjunta.

A estética dos laboratórios passa a exercer maior influência, numa estrutura acadêmica de produção permanente onde a autoria é o resultado de um trabalho de equipe. Vicissitudes autorais configuram por certo características específicas e trajetórias culturais nos campos próprios das ciências sociais e humanas, em contraposição ao modelo “laboratorial”, comum em áreas tecnológicas. Contudo, guardadas as ressalvas específicas para a importância de determinados modelos de expressão distintos nas diferentes esferas científicas, o que importa assinalar é que a arte dos laboratórios, e seu modo de produção solidário e colegiada, externa melhor os modelos democráticos e construtivistas embandeirados justamente pelas ciências sociais e humanas enquanto ideais.

### **O espírito científico crítico e o narcisismo intelectual**

A formação do espírito científico foi tratada por Bachelard sob a perspectiva de superação de obstáculos epistemológicos, como se pode ver nesta passagem: “Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar” (Bachelard: 1996, p. 11).

Os verbos precisar, retificar, diversificar indicam movimento constante, mudança, rupturas. A dinâmica sugerida integra o inquieto espírito científico na busca constante por adequação entre o teórico ideal e o pragmático utilitário. Certeza e unidade levariam o cientista a um tipo de conhecimento senão estático ao menos com tendência para estabilizar-se em modelos prescritivos hegemônicos, acríticos e de duvidosa utilidade coletiva. Os sistemas homogêneos representariam modelos a serem superados pelo avanço da ciência.

A evolução constante das técnicas impõe rupturas de paradigmas para dar conta dos riscos e dissensos gerados em sociedades complexas. Como dito por Bachelard, o homem movido por espírito científico deseja saber para melhor questionar. Assim o fazendo desenvolve o pensamento crítico que mais crítico se torna à medida que se abre cognitivamente para informações que transitem do meio para o sistema e do sistema para o meio.

Este movimento de reflexão contextualiza o tema sobre interdisciplinaridade na pesquisa acadêmica. A busca por uma ciência consciente, reflexiva e autocrítica leva-nos a questionar os paradigmas da formação e da pesquisa universitária. O modelo de formação e pesquisa tradicional no qual o saber técnico de uma área não se comunica ou comunica mal com outros segmentos está falido. O estágio atual da vida moderna, complexa (Morin: 2003; Giddens: 1991), líquida (Bauman: 2001), e sistemicamente acoplada (Luhmann: 2009), requer uma ruptura de paradigmas para superação dos mais variados obstáculos epistemológicos que prejudicam o desenvolvimento do pensamento científico.

A transformação das técnicas mostra que modelos epistemológicos baseados na fragmentação e compartimentação dos saberes em disciplinas isoladas tem alcançado baixas performances. O conhecimento disciplinar centrado em si mesmo não tem oferecido respostas suficientes para a crescente demanda por inclusão social. Em contraposição, movimentos de rupturas de paradigmas fazem emergir posturas científicas transdisciplinares desconcentradas, compartilhadas e solidárias. Cada vez mais ocorrem acoplamentos estruturais (Luhmann: 2009) entre os sistemas, por conta de crescente abertura cognitiva, que geram, internamente, processos de seleções de informações com o escopo de estabilizar e melhorar o funcionamento interno de cada um deles. A comunicação sistêmica, guardada as devidas proporções, ocorre também no contato interdisciplinar entre os cientistas e todos aqueles que operam dentro do universo da pesquisa acadêmica.

Neste contexto, questiona-se sobre a existência de um paradigma epistemológico dominante. A resposta parece ser negativa. Da mesma forma, está em cheque a concepção de um paradigma global que funcione como única forma de acesso ao conhecimento verdadeiro. Se antes da consolidação do modo de vida tecnológico, as prescrições normativas de sistemas peritos (Giddens: 1991) pautavam as nossas condutas, hoje tais prescrições estão sob avaliação e superação em ritmo cada vez mais intenso. Diante disto, a complexidade do mundo contemporâneo nos leva a adotar sistemas interdisciplinares como forma de produzir conhecimento científico. Existem possibilidades de fazer as coisas de outro modo mais adequado à realidade circundante. A produção tradicional do conhecimento científico movimentava-se no sentido teórico-empírico. A tendência atual é adotar o movimento em sentido contrário, ou seja, empírico-teórico. Um exemplo disto ocorre com a sociologia pública, forma de construção de saber sociológico através do engajamento dos cidadãos na compreensão dos fenômenos sociais em contextos de vida real. A voz destes atores e o conhecimento perito do cientista social atuam conjuntamente para desvendar os fenômenos

## FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO INTERDISCIPLINAR: A PRODUÇÃO SOLIDÁRIA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

observados e vividos intensamente. Entre os dois níveis de linguagem e competência penetram elementos estranhos a cada um dos atores envolvidos. Este processo de troca recíproca de experiências vai enriquecendo a pesquisa e os resultados encontrados. Talvez seja esta capacidade para dialogar com o outro, esta interação multimodal, que faça do método de formação do espírito interdisciplinar o mais adequado para compreensão dos fenômenos multicausais que dão colorido diferente à vida moderna: cosmopolita, globalizada, fluida, transnacional, multidisciplinar, em rede...



*O bule.* Desenho de Wilson Madeira Filho

Um corpo líquido se oculta. A realidade - líquida (Bauman: 2001) - não pode ser mais enquadrada dentro do modelo de saber disciplinar tradicional. Ordem, separação e redução não comportam a riqueza diversificada da vida complexa. Se a ciência moderna procura conhecer para intervir, necessita de instrumentos de apreensão da realidade complexa aptos a instrumentalizar a intervenção pretendida. A ciência cada vez mais é o reduto de um pensamento prático, nem por isto desprovido de reflexões de ordem ética e moral. É justamente para superar insuficiências do pensamento disciplinar que emerge a interdisciplinaridade, como resultado de um processo de comunicação entre disciplinas que apresentam enfoques diferentes e complementares sobre um mesmo objeto. A síntese deste processo é a produção de um saber solidário construído comunicativamente (Habermas: 2003). Reconhecendo a unidade do múltiplo ou a multiplicidade do uno, transpomos os limites solitários da pesquisa disciplinar dotada de poucos recursos para compreensão de fenômenos complexos. A interdisciplinaridade rompe com o paradigma hegemônico da pesquisa positivista: ordem, redução e pensamento simplificador.

Se o método de investigação tradicional isola o cientista em seu universo, tem-se o contrário no modelo interdisciplinar. O seu perfil dialógico retira o cientista de sua ilha solitária, onde somente a companhia de Sexta-Feira o impede de isolar-se definitivamente do mundo. O mundo do Pequeno Príncipe ruiu-se. O cientista não joga mais sozinho o “jogo” e a disputa pela inovação agora é compartilhada. As regras ditadas são do “jogo” em equipe. Não basta mais ser o craque camisa 10. Importa a construção coletiva para o bem coletivo. Este processo de humanização da ciência provoca intensas reflexões sobre a formação do cientista.

A questão é complexa como o próprio tema. A interdisciplinaridade é também uma forma de competência. Para Bourdieu, Chamboredon e Passeron (1999, p.23): “O fato é conquistado contra a ilusão do saber imediato”. A conquista do fato requer um saber em construção, supondo rupturas e aprimoramentos. Não é um saber da primeira impressão, que se mostra como obstáculo epistemológico. Trata-se de um saber precavido contra os impressionismos. Da mesma forma, podemos dizer que o conhecimento não é adquirido de forma imediata e, por decorrência, a formação do espírito científico não se alcança de um salto. É, antes de tudo, o resultado de um longo processo de formação e amadurecimento do próprio ser humano.

Segundo Bachelard, o problema do conhecimento deve ser colocado em termos de obstáculos epistemológicos a serem superados. É no ato de conhecer que eles se manifestam como causa de inércia da evolução do pensamento crítico. Neste contexto de superação, o ato



de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior mal estabelecido. Se o conhecimento científico, como por ele afirmado, proíbe que tenhamos opinião sobre o que não compreendemos, seria interessante refletir sobre a finitude da compreensão dos fenômenos sociais com métodos de investigação monistas. Considerando que o espírito científico é questionador, o conhecimento adquirido manifesta-se através de respostas a questionamentos prévios. O êxito da investigação científica, pois, estaria diretamente vinculado à qualidade das perguntas como produto da reflexão crítica.

A qualidade dos questionamentos, neste processo de construção do conhecimento, depende do nível de complexidade presente em determinado meio ambiente cultural. Para compreender a realidade circundante, diversos sistemas peritos são organizados (Giddens: 1991). O funcionamento destes sistemas depende de códigos de linguagem e métodos próprios que lhes assegurem o predicado da expertise disciplinar. Quando um sistema perito adquire certa hegemonia, tende a adotar um comportamento conservativo que dificulta o avanço científico. A ciência não é um patrimônio de determinada corporação ou disciplina por mais estruturada que seja. Como patrimônio coletivo, requer dos cientistas certo grau de modéstia e abdição que lhes permita encarar o novo como oportunidade de crescimento e não como um desafio desprovido de sentido. O instinto formativo descrito por Bachelard não se acomoda com o estatuído, aquele formalmente prescrito em fórmulas e manuais de pesquisa científica.

Se a qualidade da pergunta é a chave para a construção do novo cientificamente revelado, pergunta-se qual o papel da argumentação na elaboração do discurso legitimador de novos paradigmas em ascensão. Quando a ciência comunica os resultados de investigações metodicamente organizadas, utiliza argumentos na defesa de pontos de vista muitas das vezes questionados por aqueles que defendem posições conservativas refratárias às mudanças de paradigmas. Então, certa abertura cognitiva é necessária para que as rupturas sejam aceitas sem ressentimentos (Habermas: 2003). A obra científica, neste caso, deve ser compreendida em sua dimensão coletiva como patrimônio comum e não somente como êxito estratégico individual. Adequado seria dizer que uma cabeça bem feita seria aquela que escapa do narcisismo intelectual. A cabeça científica, por outro lado, seria um produto de uma escola em construção e transformação constantes, apta para dialogar em contextos de sociedades complexas. Uma “revolução psíquica”, pois, deve acompanhar este processo de mudança estrutural na esfera acadêmica.

## A construção da personagem. A preparação do ator

O ator substitui o autor? Como na peça de Pirandello, *Seis personagens a procura de um autor*, a realidade social ocupa de assalto o espaço erudito. A superexposição produtivista como modelo de avaliação da academia opera uma reestruturação do trabalho docente, que ao tempo em que o sujeita à economia flexível, desencastela o saber.

Na ordem da composição textual, a técnica teatral passa a ser subsídio de formação. A metodologia científica, enquanto disciplina instrumental, pode se valer desses métodos, buscando, por exemplo, lições no sistema Stanislavski (2009a; 2009b). Esse sistema permite ao aluno uma iniciativa criativa, não estabelecendo exercícios rígidos, mas incentivando que o mesmo utilize as técnicas para criar sua própria interpretação. Desta forma, não será a metodologia em si o determinante, mas ela irá propiciar o desenvolvimento criativo dessa construção. Em *A construção da personagem*, Stanislavski esclarece que as fórmulas têm pouca utilidade se os alunos não experimentarem em si mesmos os efeitos do tempo-ritmo. Cada pessoa tem seu tempo-ritmo: “Se vocês escutarem com cuidado a confusão desses ritmos, batidos pelos metrônimos, poderão por certo procurar e selecionar dentre eles tudo de que precisam para fazerem suas próprias combinações e agrupamentos rítmicos a fim de exprimir as fórmulas mais complexas e variadas.” (2009a, p. 256)

As intervenções do diretor propiciam o desenvolvimento do processo de aprendizagem. No sentido correlato, na organização de um artigo científico ou de um relatório de pesquisa, o estudante, como o ator em cena, deve, sob a orientação do docente-diretor, dominar seu ritmo e marcação de espaço face ao conjunto de atores (equipe de trabalho) e à decupação do texto.

Para tanto, em *A preparação do ator*, ressalta que o ator deverá dividir o ato em unidades que realmente importem, de modo que ele não se desnorteie do objetivo principal do ato: “Assim também deve guiar-se o ator, não por uma infinidade de detalhes, mas por aquelas unidades importantes que, como sinais, demarcam o canal para ele e o conservam na linha criadora certa.” (2009b, p. 151).

A divisão da peça, e no nosso caso, a divisão do artigo científico, deverá ser feita em principais episódios orgânicos; separando o conteúdo essencial. Cada unidade subdivide-se em unidades médias e pequenas. “Não decomponham uma peça mais do que o necessário, não usem detalhes como guia. Criem um canal, delineado por divisões amplas, que tenham sido minuciosamente elaboradas e preenchidas até o último detalhe” (2009b, p. 153).

Assim como no teatro, o foco no resultado leva à canastrice, ocasionando produtos forçados, ou, em termos epistemológicos, apresentando libelos ideológicos ou jargões de manual como resultado de hipóteses não aferidas. “Achamos em cena inúmeros objetivos e nem todos são necessários ou bons. Muitos são até prejudiciais. O ator deve aprender a distinguir a qualidade, a evitar o inútil e selecionar objetivos essencialmente certos” (2009b, p. 156).

As observações até agora assinaladas nos remetem também para a relação intersubjetiva que se estabelece no desenvolvimento de projetos de pesquisa. A peça de teatro, assim como o texto acadêmico, simboliza uma criação coletiva. Podemos sugerir algumas combinações possíveis no âmbito da economia institucional acadêmica, tais como: professor–professor, professor–estudante, estudante–estudante. Outras combinações podem ocorrer entre pesquisadores na mesma linha de pesquisa, entre linhas de pesquisa distintas, entre programas da mesma faculdade, de faculdades distintas, de universidades do mesmo país ou do exterior etc.

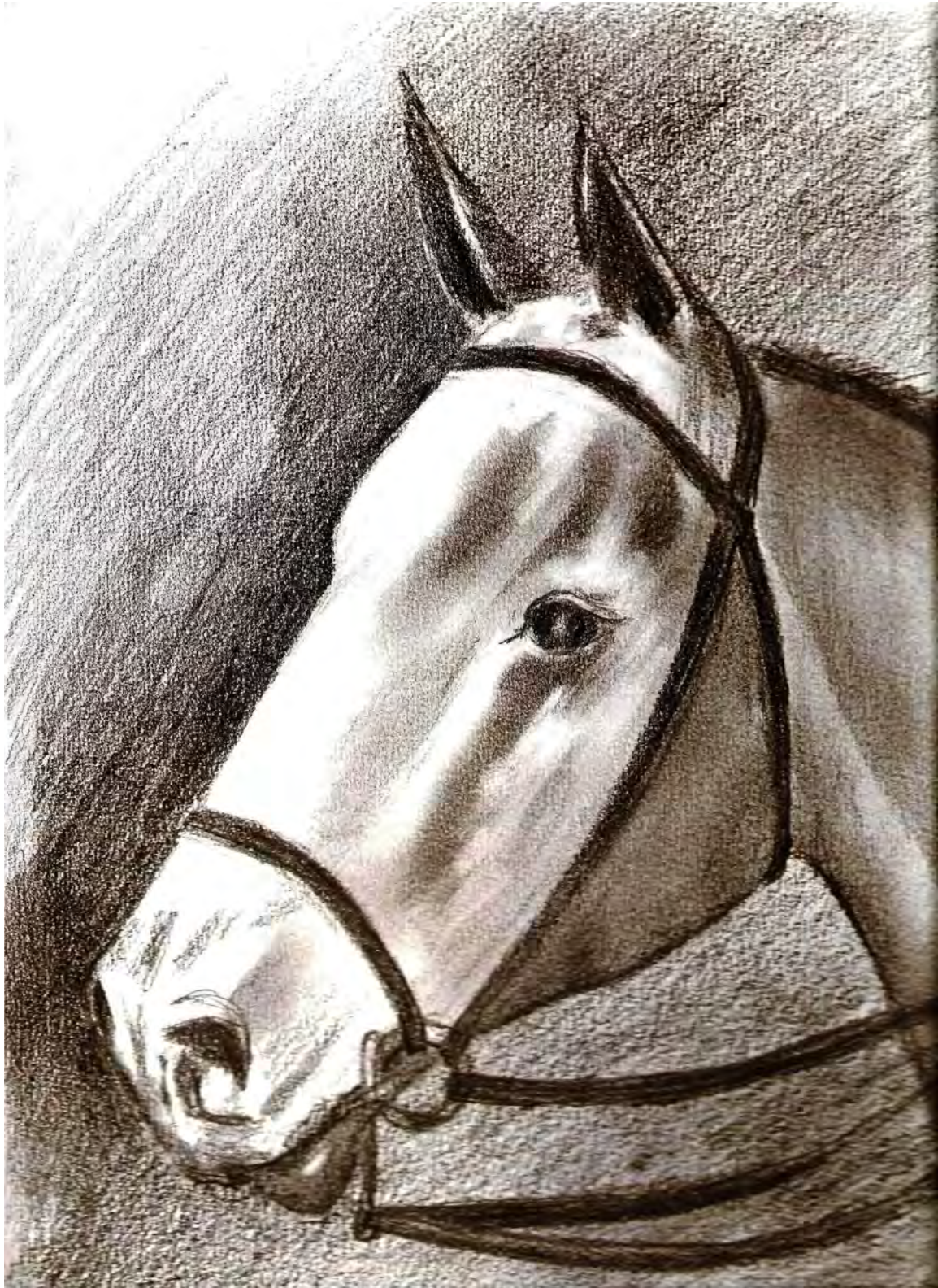
Contudo, é importante, em primeiro de lugar, definir semanticamente, professor e estudante na proporção diretor-ator. Tratam-se, instrumentalmente, de funções, onde eventualmente o mérito composicional pode estar destacado em um ou outro, mas o resultado objetivado deve ser fruto do trabalho comum.

A produção entre professores é a que aparentemente oferece menos dificuldade. Isto porque se supõe um mesmo nível de produção acadêmica daqueles que exercem a cátedra universitária. Ocorreria um tipo de produção entre pares. No entanto, a produção entre estudantes e professores suscita algumas questões. Estariam os professores dispostos ou seduzidos a produzir com alunos que supostamente possuem menos capital cultural acadêmico? O tempo gasto na produção de artigo com pesquisadores em formação atrapalharia a produção científica dos professores engajados em projetos mais complexos e que demandam abordagens mais verticais? Os estudantes, por sua vez, estariam em condições de agregar valor acadêmico através de textos mais densos? Ou as deficiências naturais, que podem surgir neste tipo de relação assimétrica, forneceria os ingredientes necessários para a riqueza da pesquisa e produção científica interdisciplinar?

A nosso ver, o encontro produtivo de gerações de pesquisadores facilita a superação de obstáculos epistemológicos, na medida em que se torna atividade da Companhia teatral-Laboratório de pesquisa. Como efeito didático imediato, no caso da produção entre alunos, a

relação simétrica viabilizaria o diálogo interdisciplinar despido de certos vícios epistemológicos adquiridos no âmbito dogmático.

Seja como for, o sistema de avaliação da produção científica vinculada a programas de pós-graduação demonstra certa hegemonia dos controles quantitativos que, aparentemente, não seriam plenamente adequados para avaliar projetos de pesquisa em ciências humanas. Os argumentos até agora apresentados não pretendem ingenuamente suprir das ciências todo o tipo de prescrição positivista. Pelo contrário, tudo o que foi exposto até agora serve para advertir-nos sobre a necessidade de fazermos emergir paradigmas epistemológicos interdisciplinares que permitam produzir e avaliar a produção acadêmica segundo prescrições quantitativas e qualitativas, sem preconceitos de qualquer espécie. Já foi dito que sociedades complexas apresentam uma gama multifacetária de questões que dificilmente seriam percebidas e apreendidas por um único método de abordagem.



*O cavalo.* Desenho de Wilson Madeira Filho

## Conjuntos simples e conjuntos complexos

Logicamente, estamos apresentando algumas peças de um intrincado quebra-cabeça. Elas vão se juntado aos poucos e, se não revelam de imediato o resultado das junções desenhadas, permite intuir que estamos tratando da modificação dos paradigmas epistemológicos da produção e da formação acadêmica. É na academia que vamos encontrar o acoplamento entre a teoria idealmente imaginada e a realidade do mundo vivida. Na academia, e para além de seus diversos e intrincados mecanismos de domesticação, transitam vários atores sociais, cuja contribuição é fundamental para consolidação dos paradigmas da ciência consciente de seu papel social: professores, pesquisadores, estudantes e pessoas dos mais variados segmentos sociais.

Ao tratarmos de interdisciplinaridade, estamos analisando paradigmas não de uma nova ciência, mas novas abordagens dos métodos científicos prescritos. O diálogo entre as disciplinas vai produzindo e também reduzindo atritos que moldam os parâmetros para apreensão da realidade e construção de relatos argumentativos extraídos do campo.

Os diferentes elementos da vida cultural dependem causal ou funcionalmente uns dos outros. Sendo assim, na relação objetiva dos fatos, o mesmo deve acontecer com as disciplinas que se encarregam de analisá-los segundo métodos próprios. A rede de dependência causal está presente em todos os segmentos da vida. Quando analisamos o caráter solitário da formação do cientista destacamos a “linha do tempo” em seu facebook-Lattes: elementos de revisitação nostálgica em vitrines multimídias.

Vale dizer, no contexto clássico, o coelho de Dührer encontra recompensas estéticas pela aura da foto digital no modo manual, em preto e branco, ampliando o ISO e calculando abertura versus profundidade de campo.



*Mesas e cadeiras.* Foto de Wilson Madeira Filho

Os argumentos até agora apresentados nos dizem que para formar a opinião científica é necessária a conjunção de esforços coletivos e interdisciplinares diante da complexidade multifatorial da sociedade de consumo (Bauman: 2001). A constante emergência de novas tecnologias, novas relações sociais em rede, deslocamento do campo e do objeto, “invisibilidade” de certos atores sociais fazem com que o pesquisador desista lucidamente do ideal enciclopédico humanista.

A divisão social do trabalho científico fragmenta para depois exigir aproximação dos saberes diluídos em disciplinas aparentemente autônomas. Este movimento de aproximação pode ser ou não informado por racionalidade instrumental. Um exemplo de sucesso de aproximação multidisciplinar instrumental foi descrito por Patrick Champagne (1996) ao estudar o campo político. Em suas observações, percebeu que, no jogo político, profissionais com diferentes especialidades traçam estratégias para conhecer, compreender, controlar e formar a opinião pública. O autor chama a atenção para o fato de que não se deve subestimar o poder social desses profissionais do conhecimento do mundo social.

O fato de estar em jogo êxitos individuais e coletivos com base em racionalidade instrumental retira das estratégias adotadas o seu caráter científico? O exemplo do trabalho interdisciplinar no jogo político é pertinente porque o ponto central está justamente na

capacidade de se produzir resultados exitosos através da conjunção de esforços de profissionais com expertises distintas e complementares: multidisciplinaridade solidária.

Podemos dizer que na pesquisa interdisciplinar ocorre o inverso: há multiplicação do trabalho social desenvolvido. Este sentido inverso do modo de produção científica tem outro forte componente. Atuando em equipe interdisciplinar, os pesquisadores necessariamente tem que se comunicar. Logo, a tendência é que haja um *medium* comunicativo entre eles no plano da linguagem utilizada. Assim como cada disciplina tem o seu jargão próprio, podemos intuir que as pesquisas interdisciplinares produzirão jargões comuns ao conjunto de pesquisadores, facilitando o processo de captação da realidade e de relatos dos fatos nos textos acadêmicos. Sem contar que se pode esperar certo freio inibitório provocado pelo constrangimento de atuar intimamente com profissionais formados em outras disciplinas com valores e pautas éticas próprias. Este tipo de pesquisa mostra-se, então, complexo. Por conta desta complexidade, requer de todos sinceros esforços de adaptação.

Colocada a questão da pesquisa científica como patrimônio comum, tem-se que a coletivização e o engajamento que se espera dos pesquisadores estão em sintonia com um tipo específico de trabalho científico: o trabalho solidário. Os pesquisadores “despidos” de racionalidades de êxito individual estariam aparentemente mais aptos para produzir reflexões úteis para a coletividade. Numa palavra, a pesquisa solidária resultaria deste fluxo de observações e questionamentos que enriquecem o método científico interdisciplinar.

### **Considerações finais: o resgate neo-barroco**

Tudo o que foi exposto até aqui sugere que estamos diante de uma modalidade retórica emergente: a produção solidária do conhecimento. Esta produção solidária requer dos participantes de projetos de pesquisa sério comprometimento com o trabalho em grupo e apurado senso ético. Isto porque a tendência é que se admitam em breve espaço de tempo monografias de conclusão de curso, dissertações e teses de doutorado em co-autoria. Se há incentivo para o aumento da participação em co-autoria nos congressos e na produção de artigos científicos, mostra-se plausível supor que isto venha a ocorrer em futuro próximo, até mesmo como corolário do modelo interdisciplinar proposto.

O envolvimento dos cientistas, neste modelo de pesquisa solidária, pode amplificar o potencial de observação, análise e, logicamente, o resultado final de uma pesquisa



interdisciplinar. Isto porque fatores como história de vida, capital cultural e os méritos científicos distribuídos entre eles segundo aptidões natas, treinamentos eficientes e afinidade com áreas de formação enriquecem o processo de produção do conhecimento. Então, a pesquisa, segundo este modelo, tenderia a pertencer cada vez mais ao domínio coletivo, segundo uma racionalidade crítica de construção, avaliação, aprovação, financiamento e validação de projetos científicos. Haverá, assim, certa simetria na divisão do trabalho científico já que a estrutura das agências de fomento e controle da produção científica atua solidariamente na forma de colegiados.

Por suposto, os argumentos podem ser multiplicados sem, com isto, esgotar o tema e apaziguar dissensos decorrentes de acalorados debates que podem surgir, principalmente diante desta perspectiva de produção solidária na produção de todos os tipos de trabalhos científicos. O certo é que o modelo da pesquisa interdisciplinar conduz todo o esforço de compreensão para este cenário hipotético. Seja como for, novos desdobramentos serão percebidos em face da crescente demanda por cursos oferecidos em programas de pós-graduação interdisciplinares. Logicamente, as irritações sistêmicas, provocadas por este movimento de ruptura e substituição procedimental, produzirá mudanças estruturais na esfera acadêmica.

Contudo, como já advertia Octavio Paz: “A tradição da ruptura implica não somente a negação da tradição, como também da ruptura...” (1984, p. 17). Nesse novo ambiente de trabalho, laboratorial, restaria, portanto, uma última conquista paradoxal: a retomada do Autor enquanto pastiche nostálgico.

Será a hora de reescrever clássicos, de formular teorias metafísicas e teses semióticas, de engajar todo o esforço em causas que não acreditamos mais. Pois a autoria permanece, com novos traços, se redesenha, busca novas técnicas. A folha. O riacho. A lapiseira. O cálice. O pato. Objeto de pesquisas antropológicas e mesmo de desafios arqueológicos, o livro autoral será o muiraquitã de um modelo narrativo, preparado para estar nas redomas dos museus ou nas visitas ao zoológico. Pronto, como as múmias, para despertar num imaginário sem limites.



*Meu rinoceronte* ou *Se eu fosse Dürer*. Desenho gráfico de Wilson Madeira Filho, com o programa Digimax Máster.

**REFERÊNCIAS.**

BACHELARD, G. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto. 1996

BARTHES, Roland. “O escritor em férias”. Em: *Mitologias*. 5ª edição. Tradução de Rita Buongiorno e Pedro de Souza. São Paulo: Difel, 1982, pp. 23-25.

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.

BORGES, Jorge Luis. “A biblioteca de Babel”. Em: *Ficções*. Tradução de Carlos Nejar. São Paulo: Abril Cultural, 1972, pp. 84-94.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean Claude. *A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião: o novo jogo político*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes. 1996.

GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução de Raul Ficker. São Paulo: UNESP. 1991.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Tradução de Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 2003.

LUHMANN, Niklas. *Introdução à teoria dos sistemas*. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

STANISLAVSKI, Constantin. *A construção da personagem*. 18ª edição. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009a.

STANISLAVSKI, Constantin. *A preparação do ator*. Tradução de Pontes de Paula Lima. 26ª edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2009b.